

O ENCANTAMENTO DO BRINCAR E AS POSSIBILIDADES DE CONVIVER E APRENDER COM ALEGRIA NOS AMBIENTES ESCOLARES: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE SUCESSO NO CEI MOURA BRASIL, FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL

Ana Gislainey Coelho Mota da Silva¹

RESUMO: No âmbito das propostas pedagógicas para a educação infantil, a perspectiva de inserir no ambiente de aprendizagem da sala de aula, o universo infantil, em todos os seus aspectos e direitos é ação necessária. Para isso, deve ser possibilitada uma melhor formação do educando. A organização do trabalho pedagógico nas escolas de educação infantil é de grande relevância nesse contexto tendo como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, garantindo que as práticas pedagógicas sejam ricas e contemplem as múltiplas linguagens. Além disso, há a necessidade de socialização e o estabelecimento de vínculos afetivos articulados nas diversas atividades propostas pelas professoras em sua ação didática em sala de aula. A partir dessa premissa, entende-se que é necessário organizar uma rotina escolar infantil com uma variedade de ações lúdicas como brincadeiras e jogos para que ocorra a interiorização definitiva das crianças de conviver e aprender na escola, mais particularmente no contexto do espaço da sala de aula, em todos os ciclos de escolaridade da criança. A presente pesquisa buscou alcançar percepções das professoras de práticas lúdicas experienciadas, estabelecendo uma unidade de ação pedagógica com a finalidade de mudar um pouco a maneira como são encaradas tais propostas de caráter educativo. Os resultados das entrevistas levaram à conclusão de que, definir um limite para a satisfação da criança na escola é um grande desafio, já que na sala de aula convencional são oferecidos métodos didáticos destoantes da perspectiva levantada neste trabalho que é considerar efetivamente as brincadeiras e os jogos como aspectos da ludopedagogia e não como meros passatempos, respeitando o que orienta a legislação brasileira quanto os eixos norteadores da educação infantil. Usar os resultados do referido trabalho nas intervenções pedagógicas dentro da escola é de grande valia para melhorar os planejamentos anuais e bimestrais das professoras e da coordenação escolar. Esses dados também podem ser usados com os pais, na perspectiva de melhorar as relações que devem existir entre todos, para haver um ganho por parte da criança, nos aspectos que envolvem o aprendizado e a maturidade cognitiva e social. Finalmente, uma parte representativa da equipe da escola objeto da presente pesquisa mostrou que, apesar dos percalços é possível elevar o nível da qualidade do atendimento através das práticas pedagógicas, pois, acredita que o meio é uma condição preponderante para o desenvolvimento das pessoas, e quando se fala em meio ele é caracterizado sim pelo espaço físico, pela estrutura, pela decoração, pelo mobiliário, pelos materiais, pelos brinquedos e jogos como estarão organizados e como serão usados ele perpassa também nas relações estéticas entre criança, seus pares e adultos, envolve afetos e alegria. A relação entre ambientes escolares e a alegria é de complementaridade, soma e fortalecimento do conviver e aprender potencializando o

¹ Mestra em Ciências da Educação (UNADES).

desenvolvimento infantil. É um meio que tem sabores, que tem odores, que tem toque, sorrisos, que potencializa e acolhe a criança, se torna um espaço de encontros que conserva a lindeza nas parcerias, em embarcar na motivação um do outro, no fazer junto, respeitando a linguagem delas, no encantamento do brincar.

Palavras-chave: Educação Infantil. Criança. Brincadeiras. Desenvolvimento. Escola.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito das propostas pedagógicas para a educação infantil, o que passa a ser consolidada é a perspectiva de inserir no ambiente de aprendizagem da sala de aula, o universo infantil, em todos os seus aspectos e direitos, possibilitando assim, a formação dos educandos, onde o mais importante é que a criança encontre sentido e coerência no percurso formativo de sua vida escolar e seu contexto social (BARBOSA, 2009).

Nesse sentido, torna-se necessário a organização do trabalho pedagógico nas escolas de educação infantil, tendo como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, garantindo que as práticas pedagógicas sejam ricas e contemplem as múltiplas linguagens, a necessidade de socialização e o estabelecimento de vínculos afetivos articulados nas diversas atividades propostas pelas professoras em sua ação didática em sala de aula (FORTALEZA, 2017).

A partir dessa premissa, entende-se que é necessário organizar uma rotina escolar infantil com uma variedade de ações lúdicas como brincadeiras e jogos para que ocorra a interiorização definitiva das crianças de conviver e aprender na escola, mais particularmente no contexto do espaço da sala de aula, em todos os ciclos de escolaridade da criança. Deve-se conceber que, é na formação plena das crianças que se deve investir pedagogicamente. As práticas brincantes, os espaços, os materiais e a alegria devem estar intrinsecamente ligadas ao cotidiano das creches e escolas de educação infantil, por se tratar de atividades que fazem parte da infância, sendo o lúdico um dos principais elementos que tece diálogos com as capacidades motoras e cognitivas da criança (FORTALEZA, 2017).

O desenvolvimento das crianças é uma etapa, que na escola torna-se importantíssima, porque estas começam a interagir com outras crianças de mesma idade, e nesse processo acontece os aprendizados, ensejados pela troca de experiência e vivências que cada um tem no ambiente familiar, essas diferenças vão sendo

trabalhadas pedagogicamente dentro do ambiente escolar. A diferença do desenvolvimento de uma criança para a outra e as aquisições que irão obter em cada fase desse desenvolvimento são os estímulos que lhes são dados e como esta criança irá transformá-los em aprendizado (FERREIRA, 2013).

As possibilidades de aprendizagens das crianças, em idade pré-escolar, estão vinculadas, também, às teorias do desenvolvimento infantil (Quadro 2), onde cada abordagem vai direcionar o tipo de expectativa que deve ser gerada dentro do ambiente escolar. Na abordagem behaviorista de Skinner, as crianças vão aprendendo conforme vão amadurecendo, com total ausência das premissas genéticas. Ao contrário disso, para os Inatistas, as crianças são seres totalmente biológico-genéticos, onde o ambiente social do mesmo não interfere em nada na sua formação, apenas retiram de “dentro” dos estoques cognitivos as ações necessárias para atuar em sociedade (FERREIRA, 2013).

Segundo Piaget (1976), o desenvolvimento infantil é dividido em períodos, e entre estes se encontra o período pré-operatório que compreende a faixa etária de 2 a 7 anos, onde a criança passa a adquirir a capacidade de transformar esquemas de ação em esquemas mentais, é chamada a função simbólica, que é exatamente a faixa etária onde está situada a idade das crianças em idade escolar, analisadas na presente pesquisa. Isso significa que, agora, a criança é capaz de duplicar objetos ou acontecimentos por uma palavra, por um gesto, por uma lembrança, ou seja, é capaz de evocá-los em sua ausência (FERREIRA, 2013).

A brincadeira e a alegria estão intrinsecamente ligadas ao cotidiano das creches e escolas de educação infantil, porque se trata de uma atividade muito presente na infância e se caracteriza como um dos principais processos em que são desenvolvidas as capacidades motoras e cognitivas, além de outras potencialidades, tornando-se dessa forma um direito inegável das crianças em idade escolar (FERREIRA, 2013).

É por meio do lúdico que a criança exterioriza sentimentos tem mais oportunidades de expressar suas opiniões. Brincar é a atividade mais importante para as crianças. Mas, apesar dessa importância, o brincar muitas vezes, é colocado como uma atividade secundária, algo a ser realizado após a obrigação. Conforme pensamento de Borba (2007, p.35), “essa visão é fruto da ideia de que brincadeira é uma atividade

oposta ao trabalho, sendo por isso menos importante, uma vez que não se vincula ao mundo produtivo, não gera resultados”.

Nesse embate interacionista é que as crianças vão absorvendo, em forma de aprendizados, valores, princípios de socialização e modos adequados de comportamento, é o momento em que os arranjos de sociabilidade herdados do seio familiar vão se reorganizando mutuamente, em sintonia com a educação continuada reciprocamente, entre o ambiente familiar e escolar. “Brincar é o modo que a criança tem de conhecer o mundo que a cerca. É por meio da brincadeira que a criança descobre, aprende e se desenvolve, tanto na escola quanto em casa, na rua, no jardim e, assim por diante.” (DUARTE, 2015, p. 304).

Vygotsky (1998) compreende o brincar como uma atividade social da criança, cuja natureza e origem específica seriam elementos fundamentais para o desenvolvimento cultural, ou seja, o brincar como compreensão da realidade. As creches e escolas que utilizam a brincadeira no seu contexto escolar indicam que seus educadores entendem as crianças como pessoas em pleno processo de formação e de rápido amadurecimento, utilizando-se da didática ludopedagógica, para afirmar que a principal atividade envolvendo os estudantes ali presentes, é a aprendizagem, mas igualmente importante também, são as brincadeiras e a diversão que devem acompanhar todo o ensino infantil (FERREIRA, 2013).

É fundamental que dentro do ambiente escolar a brincadeira torne-se a principal atividade da criança, pois através dela a mesma irá desenvolver sua aprendizagem, construída a partir de práticas semelhantes à realidade que estão inseridas. Conforme o autor acima, o contexto de aprendizagens com brincadeiras, estabelece as bases essenciais para a boa formação ética, moral e psicológica das crianças (DUARTE, 2015).

A partir de tais definições é que o brincar pode ser visto como uma importante forma de comunicação, é por meio deste ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano, através do faz de conta. O que é importante no brincar não é com o que a criança brinca, ou a promoção de uma atividade qualquer com o objetivo, apenas, de passar o tempo, mas qual o significado que este brincar traz a ela e qual aprendizado a mesma irá obter com tal experiência (FERREIRA, 2013).

Para Souza (2012), o brincar não é simplesmente um "passatempo" para distrair os alunos, ao contrário, corresponde a uma profunda exigência do organismo e ocupa lugar de extraordinária importância na educação escolar. Estimula o crescimento e o desenvolvimento, a coordenação muscular, as faculdades intelectuais, a iniciativa individual, favorecendo o advento e o progresso da palavra. Estimula a observar e conhecer as pessoas e as coisas do ambiente em que se vive.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa buscou entender as relações que existem entre o ato de brincar e as vantagens no aprendizado, buscando na satisfação das crianças de estarem na sala de aula, um propósito otimizado para aprendizagens importantes. Dessa forma, buscou-se saber se a criança tem a mesma satisfação de estar na sala de aula comparando esse comportamento com a relação dela com os outros ambientes da unidade escolar. Esse trabalho buscou também identificar as aprendizagens reais e significativas entre os alunos dessa idade, a partir das brincadeiras infantis e, claro, com uma característica de alegria para essas crianças. O trabalho de pesquisa, de abordagem qualitativa foi desenvolvido no Centro de Educação Infantil Moura Brasil, especificamente em uma turma do Infantil V, na faixa etária de 4 e 5 anos, com a finalidade de identificar aprendizagens reais e significativas entre os alunos dessa idade, a partir das brincadeiras infantis. A presente pesquisa deu-se no contexto de uma abordagem qualitativa de acordo com Minayo (2001), que explica que toda pesquisa qualitativa se pretende analisar os sujeitos do processo investigativo.

A linha da presente pesquisa é de natureza interacionista e trabalhou com os seguintes contextos investigados: grupos sociais, no caso em questão, crianças em idade escolar do Infantil V; instituição escolar e ordenamento jurídico que norteia a educação no país. Na abordagem socioconstrutivista ou sociointeracionista são considerados os aportes teóricos de Piaget (1976; 1983) e Vygotsky (1998) que discute sobre onde criança aprende e depois se desenvolve, sendo que o desenvolvimento de um ser humano se dá pela aquisição/ aprendizagem de tudo aquilo que o ser humano construiu socialmente ao longo da história da humanidade.

Na primeira etapa dessa pesquisa foi realizado um acompanhamento de ações pedagógicas na escola objeto de estudo, tendo como contexto as brincadeiras lúdicas.

Posteriormente foi feita uma pesquisa atitudinal extraída de Rodas de conversas, sobre o grau de satisfação das crianças em relação às brincadeiras com aprendizagens. A preparação da roda de conversa com as crianças seguiu a metodologia sugerida por Kramer (2002) cujo protocolo indica o olhar do professor/ pesquisador como um olhar infantil crítico (para) aprender com as crianças e não se deixar infantilizar. Conhecer a infância passa a significar uma das possibilidades para que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que o produz.

Posteriormente foi feita uma pesquisa atitudinal extraída de Rodas de conversas, sobre o grau de satisfação das crianças em relação às brincadeiras com aprendizagens. A preparação da roda de conversa com as crianças seguiu a metodologia sugerida por Kramer (2002) cujo protocolo indica o olhar do professor/ pesquisador como um olhar infantil crítico (para) aprender com as crianças e não se deixar infantilizar. Conhecer a infância passa a significar uma das possibilidades para que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que o produz. Em seguida, foram analisadas as práticas da professora em sala de aula, através de uma entrevista semiestruturada, para investigar como acontece de fato esses eventos, bem como de que forma as crianças interagem diante dessa intervenção de caráter essencialmente pedagógico. Finalmente foi verificado o desempenho das crianças, nas formas de avaliação indicadas para a educação de nível infantil, com dados coletados junto à Secretaria da referida escola.

A análise da integralidade das afirmações das crianças utilizou-se das seguintes categorias de análise (KRAMER, 2002): Interação social das crianças em reciprocidade; a satisfação das crianças com a sala de aula e seus diversos objetivos, onde se complementam o brincar e o aprender; a observação da intensidade da alegria das crianças estando em todos os ambientes da escola; o grau de entretenimento das crianças com as brincadeiras; possibilidade do aprender brincando; é considerada a análise sobre o tipo de atividade mais apreciada e o nível de criatividade das crianças do infantil V. Os nomes das crianças foram preservados e substituídos pelos respectivos nomes fictícios substituindo os da frequência escolar, de modo a preservar a identidade e a integridade psicossocial dos mesmos (KRAMER, 2002).

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Trabalhando com o “Projeto Luz Brincante” (FORTALEZA, 2015).

Nesse trabalho, as ações, investigar, questionar, experimentar e brincar, criar hipóteses acerca do mundo natural e físico, que provoca perguntas e curiosidade, foram experienciadas no “Projeto Luz Brincante”, que surgiu da observação feita pela professora/ pesquisadora quanto a curiosidade natural das crianças em relação aos fenômenos luminosos. No processo metodológico, sempre que as professoras acendiam e/ou apagavam a luz da sala, as crianças comemoravam com um grito de alegria e então surgiam rodas de conversas sobre como a luz acendeu, cores da luz, sobre o imaginário. A partir da referida experiência, as crianças deram início ao estudo com princípios da ótica, parte da Física que estuda os fenômenos ligados à luz e sua interação com a matéria, ou seja, como ela é produzida, transportada e refletida. Materiais diversos como TNT, palitos, lanternas, cola, pratos de vidros, dentre outros, foram utilizados nesse experimento (Ver anexo B). As atividades experienciadas no Projeto Luz Brincante foram:

3.1.1 Atividade: “A lenda do brilho da lua” (dia 20/10/17)

Inicialmente a professora organizou as crianças de forma que se sentaram no chão. A professora então acendeu a luz da sala. Nesse momento as crianças gritaram e falaram: olha a luz! A partir daí iniciou-se uma roda de conversa acerca da luz, de onde vem, o que precisa para ter a luz. Na experiência realizada, as crianças levantaram muitas hipóteses como: “A Luz vem do poste”; “a luz vem da lâmpada”; “a luz vem dos fios”, entrando o diálogo numa descoberta acerca do projeto.

Posteriormente foi tarde contada a história “A Lenda do brilho da Lua” utilizando “dedoches” da princesa e do rei, lanterna e “palitoche” da Lua. Em seguida foi realizado o reconto com as crianças, que deduziram que “a Lua também tinha seu brilho lá no céu, por causa da princesa que estava lá”; “para enxergarmos precisamos da luz”. Logo após as crianças brincaram com o material da história.

3.1.2 Atividade: “A cabana” (dia 23/10/17)

Após lembrar a experiência com o projeto Luz Brincante, as crianças foram levadas para a sala da coordenação aonde foi improvisada uma cabana com lençol e cadeiras. Dentro desse espaço foram inseridas figuras como a de um astronauta

chegando à lua. As luzes foram então desligadas. De início, as crianças foram desafiadas a entrar na cabana e tentar visualizar a figura. Observou-se que, nesse momento, sentimentos foram aflorados como, medo e euforia. Thelipe, Miguel e Elias foram os primeiros a encarar o desafio encorajando aos demais a participar.

Nessa experiência, a professora/pesquisadora do presente trabalho e orientadora do projeto, transmitiu segurança às crianças, entrando na cabana juntamente com elas. Aysha e João observavam assustados, choraram, mas, aos poucos foram demonstrando curiosidade pela atividade. Quando a lanterna foi entregue pela professora, todas as crianças ficaram empolgadas para participar da experiência e entraram na cabana. A professora então perguntou se elas estavam visualizando a figura. Alguns responderam que era um homem e uma escada. Ao final da atividade a professora mostrou qual era a figura e de imediato eles não reconheceram a foto da lua. Uma conversa foi então feita, onde a professora mostrou diversas imagens da lua na TV. A professora então perguntou em qual momento elas, as crianças, conseguiram visualizar a figura. Thelipe logo respondeu que foi por causa da lanterna. Concluiu-se que, além dos olhos é necessário luz para enxergar.

3.1.3 Atividade: Newton: luminosidade e as cores (dia 25/10/17)

1799

As crianças participaram de uma experiência com fenômenos físicos da óptica, cores e a luz, onde descobriram novas reações de cores com a luz. Ao colocar diversos materiais sob a lanterna de luz branca, como óleo, refrigerantes, esmaltes, gel, mel, perfumes, a cor de um objeto resulta da cor da luz que este consegue refletir. A luz que o objeto é capaz de refletir depende do material de que é feito o objeto da cor e da luz que ilumina o objeto. Newton teorizou sobre as cores dos corpos. Segundo ele “as cores de todos os corpos são devidas simplesmente ao fato de que eles refletem a luz de uma certa cor em maior quantidade do que as outras” (FORTALEZA, 2015, s/ p). Tudo isso foi vivenciado de forma onde foi propiciado o encantamento e curiosidade. Conversas sobre as cores que as crianças mais gostaram dos objetos foram desenvolvidas. Azul foi a cor eleita.

3.1.4 Atividade: Danças sob as sombras (dia 26/10/17)

Após a contação de história da Lenda do Brilho da Lua, 03 lençóis brancos foram amarrados de forma que atravessaram a sala em vertical. As crianças foram separadas então em 02 grupos: 01 grupo atrás dos lençóis e o outro grupo na frente dos lençóis. O grupo que estava atrás dançava e a professora colocava as lanternas sob eles para os que estivessem na frente, adivinhassem qual colega estava dançando. Durante a dança foram explorados os movimentos naturais de cada criança, seu ritmo próprio e sua expressão. Essa atividade teve um caráter lúdico e descontraído. Nesta atividade observa-se como é usado o efeito de luz em um foco. Essa atividade foi baseada em uma prática muito antiga, originária da China e que se espalhou pelos países da Europa. A experiência explora artisticamente a sombra e o movimento em que a base da comunicação é o corpo, investigando as possibilidades expressivas do mesmo sob a luz ou na ausência dela, através de estratégias que permitem o autoconhecimento do corpo, fazendo jogos de contrastes entre o movimento corporal e as sombras.

3.1.5 Atividade: Meu nome, minha sombra (dia 30/10/17)

O dia foi iniciado com conversas sobre as diversas fontes de luz, a de lanternas, lâmpadas, fogo e sol. As crianças puderam observar como se faz a sombra crescer ou diminuir no chão do nosso jardim e observar como isso também ocorre em função da posição do sol durante o dia. Foram então colocadas as letras do tapete de EVA na posição onde a sombra refletiria. Com pinceis e tintas as crianças desenharam no chão o contorno das iniciais da letra de seu nome (Figura 1).

Figura 1. Desenho guiado pela sombra



Fonte: a autora

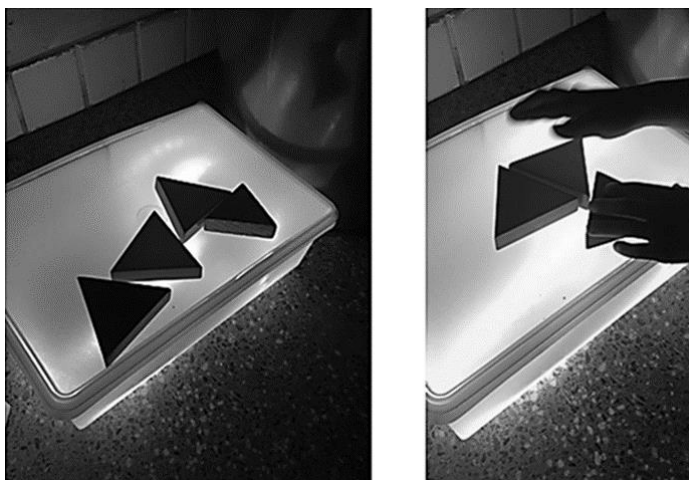
Essa atividade está diretamente relacionada com o pensamento de Ferreira (2015), quando explica que o pensamento da criança entre 02 e 07 anos é dominado pela representação imagística de caráter simbólico. A criança trata as imagens como verdadeiros substitutos do objeto e pensa efetuando relações entre imagens. Com os esquemas cognitivos pré-estabelecidos a criança dessa faixa etária encontra-se em uma fase da sua vida marcada por uma intensa mudança, essa é a fase pré-escolar que requer competências cognitivas específicas para um bom desempenho escolar. Assim a criança vai construindo suas habilidades a partir da imaginação e da observação.

3.1.6. Atividade: Caixa luminosa (dia: 24/11/17).

Nesse dia as crianças participaram da atividade de desenho utilizando a “Caixa luminosa”. Inicialmente foi contada a história “Assim, Assado” da Eva Furnari. Em seguida as crianças foram desafiadas a desenhar o que mais gostaram da história, mas sem lápis e papel. Elas ficaram intrigadas e começaram a conversar entre si. Nesse momento a professora (pesquisadora do presente trabalho) mostrou a caixa, informando que seria feito o desenho com a caixa luminosa. Para isso foi improvisada uma caixa de plástico e dentro dela foi colocada uma fita de LED. As crianças colocaram sob a caixa diversos materiais como blocos lógicos, arroz, outros. Elas tiveram a oportunidade de criar novas possibilidades de descobertas, estimulando a curiosidade (Figura 2).

1801

Figura 2. Brincadeira em caixa luminosa



Fonte: a autora

Concluiu-se que as atividades realizadas por meio da ideia desse projeto permitiram às crianças momentos importantes de aprendizados e diversão, com significas diversos de interação e de raciocínio, já que na metodologia havia a previsão da participação parcial das mesmas na elaboração dos instrumentos do projeto. No entendimento de Ferreira (2013), é através do simbolismo que a criança adquire aprendizado, internaliza ideias e sentimentos e reflete sobre os resultados, principalmente se ela participar ativamente, esse processo simbólico dá a criança a capacidade de representação e conduz a lógica nos processos de aprendizagem. Observações feitas no transcorrer dessas atividades, foi possível identificar nas crianças o grau de satisfação pelo ambiente da sala de aula, a alegria sem disfarce e o encantamento pelas brincadeiras com luminosidade. Acredita-se que a participação dos mesmos nesse projeto, deve influenciá-los positivamente ad aeternum.

3.2 Roda de conversas: integralidades e verdades nas falas dos sujeitos

Esta parte do trabalho se refere às considerações das falas dos sujeitos principais envolvidos no processo pedagógico do Centro de Educação Infantil. Vale acrescentar nesse contexto, a perspectiva de Guarda (2017, p. 891), “o papel da criança como sujeito ativo deve ser valorizado bem como sua posição no mundo, e as suas compreensões sobre o contexto em que vive. Os adultos devem entender que as crianças estão envolvidas com os acontecimentos sociais, históricos e culturais de seu tempo/espaco e que esses acontecimentos influenciam as suas formas de definir o mundo”.

As falas das crianças são importantíssimas nos relatos de pesquisadores do tema da pedagogia, já que estas tornam-se atores principais nesse cenário de tentativa de explicação do mundo real, por parte de adultos. Assim a ideia não é amparada na transmissão de conhecimentos e sim na compressão de problemas por meio da experiência, das escutas de estar ao lado das crianças para construir contextos podendo explorar as suas ideias e hipóteses. A pesquisa atitudinal feita em forma de roda de conversa buscou abstrair o grau de satisfação das crianças em relação às brincadeiras com aprendizagens dentro da escola, envolvendo todos os ambientes da referida unidade de ensino. A metodologia da roda de conversa, além de facilitar a análise do pesquisador, haja vista a integralidade das afirmações das crianças serem reproduzidas *ipsis literis* ao longo dessas considerações, a roda de conversa permite, também, que a

criança tenha voz e vez no espaço escolar, sentindo-se parte do grupo, das escolhas e das decisões. Ao longo do transcurso da conversa foram consideradas algumas categorias de análise, como forma de organizar melhor a fala dos participantes, de modo a dar uma organização e um direcionamento ao assunto, com o objetivo de aproveitamento de todas as assertivas das crianças. As categorias abaixo facilitam a compilação das falas das crianças: Interação social das crianças em reciprocidade; a satisfação das crianças com a sala de aula e seus diversos objetivos, onde se complementam o brincar e o aprender; a observação da intensidade da alegria das crianças estando em todos os ambientes da escola; o grau de contentamento das crianças com as brincadeiras; possibilidade do aprender brincando; é considerada a análise sobre o tipo de atividade mais apreciada e o nível de criatividade das crianças do infantil V.

Na parte da conversa sobre a satisfação das crianças com a sala de aula e seus diversos objetivos, todas as crianças afirmaram que possuem muita satisfação em está na sala de aula. Sobre isso, Ferreira (2013) infere que ao brincar a criança se desenvolve mais, já que ela aprende a conhecer, a fazer e a conviver, sobretudo, a ser. O autor afirma que é por meio da brincadeira que as crianças ultrapassam a realidade, transformando-a através da imaginação. Em relação a satisfação das crianças em estarem em outros ambientes da escola, a maioria concordou em falar que sentem a mesma satisfação da sala de aula, ou seja, possuem muita satisfação, com exceção do aluno João, que falou que sente pouca satisfação quando está na sala de leitura. Em um percurso perceptivo das crianças, da sala de aula em direção a outros ambientes, têm-se a mesma intensidade de satisfação, significa que as aprendizagens com diversão funcionam bem quando são percebidas pelas crianças. No que diz respeito ao assunto suscitado na conversa sobre o entretenimento com brincadeiras, a maioria das crianças concordou que é muito intenso durante as aulas.

Na conversa sobre o aprendendo brincando, as crianças foram unânimes em afirmar que existe bastante aprendizagem, principalmente quando a atividade é acompanhada de brincadeiras. O trocadilho das duas frases: entretenimento com brincadeiras e aprendendo brincando, aparentemente pode ser considerada a mesma coisa, mas se reveste de um significado diferente, quando os sujeitos ouvidos nesse processo percebem ser conversas diferentes. Foi sugerido esses temas para a conversa,

seguinto uma proposta metodológica de tentar confirmar, principalmente, o segundo tema, porque no universo cognitivo dos estudantes, pode ser que aprender seja algo que demanda tempo útil, seja enfadonho e desprovido de sentido. As crianças relataram que a brincadeira preferida de todos eram os jogos com bolas, onde acontece os mais divertidos entretenimentos. Elas classificaram essa atividade como “legal”, “eu gosto”, “eu jogo bola com meus amigos em frente de casa”, dentre outros termos com significados semelhantes. Na parte da conversa que explora o nível de criatividade das crianças participantes da conversa, todos afirmaram que possuem muita capacidade de criação, acentuando bastante a ótima autoestima das crianças, no que concerne ao seu bem-estar dentro da escola, também, garantindo com isso, mediante a fala das mesmas, que os objetivos do CEI podem ser alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma grande parte da equipe da escola objeto da presente pesquisa mostrou que, apesar dos percalços é possível elevar o nível da qualidade do atendimento através das práticas pedagógicas, pois acredita que o meio é uma condição preponderante para o desenvolvimento das pessoas, e quando se fala em meio ele é caracterizado sim pelo espaço físico, pela estrutura, pela decoração, pelo mobiliário, pelos materiais, pelos brinquedos e jogos como estarão organizados e como serão usados ele perpassa também nas relações estéticas entre criança, seus pares e adultos, envolve afetos e alegria. A relação entre ambientes escolares e a alegria é de complementaridade, soma e fortalecimento do conviver e aprender potencializando o desenvolvimento infantil. É um meio que tem sabores, que tem odores, que tem toque, sorrisos, que potencializa e acolhe a criança, se torna um espaço de encontros que conserva a lindeza nas parcerias, em embarcar na motivação um do outro, no fazer junto, respeitando a linguagem delas, no encantamento do brincar. A partir dos resultados da presente pesquisa pode-se repensar o nível de envolvimento, de alegria, nas relações interpessoais entre crianças e adultos, contribuindo positivamente para que a criança possa ser tudo o que pode ser, ativa, potente, curiosa e criativa, pois, esses aspectos podem ser vistos na riqueza e trocas de experiências comunicadas aqui e podem ser pensados e desdobrados em ações pedagógicas favoráveis ao desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

BORBA, Â. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2007.p. 33-46.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 10 maio 2018.

CEARÁ. Secretaria de Educação. Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Fortaleza: SEDUC, 2011.

DAVID, E. A.; MELO, G, et al. Aspectos Da Evolução Da Educação Brasileira. In: Revista Eletrônica De Educação Da Faculdade Araguaia, 2014. PP. 184-200. Disponível em: <file:///C:/Users/Aldenir/Downloads/199-402-1-SM.pdf> Acesso, em: 23 ago. 2018.

DUARTE, B. S.; BATISTA, C. V. M. DESENVOLVIMENTO INFANTIL: Importância das Atividades Operacionais na Educação Infantil, In: XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2015.

FERREIRA, H. C. S. **Desenvolvimento infantil: o brincar e o aprender no pré-operatório**. Monografia apresentada ao curso de Terapia Ocupacional da Faculdade Santa Terezinha – CEST. São Luís, 2013.

FORTALEZA. **Projeto Luz Brincante/ CEI Moura Brasil**. Trabalho apresentado à Coordenação Pedagógica do Centro de Educação Infantil Moura Brasil por Ana Gislainey Coelho Mota da Silva – Fortaleza: 2015.

GUARDA, G. N.; LUZ, T. N. *et al.* **A Roda De Conversa Como Metodologia Educativa: O Diálogo E O Brincar Oportunizando O Protagonismo Infantil Na Sala De Aula**. In: Formação de Professores: Contextos, Sentidos e Práticas/ XIII Congresso Nacional de Educação – 2017. P. 887 – 899.

KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Campinas: Autores Associados, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, E. C. Machado do. Processo Histórico Da Educação Infantil No Brasil: Educação Ou Assistência? In: XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Curitiba, p. 439 – 455, 2015.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. In: **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, SP, n.33, p.78-95, 2009.

PIAGET, J. A **equilíbrio das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.